Cadernos Zygmunt Bauman ISSN 2236-4099

v 1, n. 2 (2011)

EM BUSCA DE UMA VERDADE PROVISÓRIA

"Eu não quero uma verdade, apenas a aventura da procura."

Wellington Lima Amorim[1]
Mateus Ramos Cardoso[2]

RESUMO: Ao analisar a Contingência em Rorty, explora-se e se aprofunda uma percepção de homem e de mundo que já havia começado, segundo Rorty, com pensadores como Nietzsche, Heidegger e Derrida, ao apresentar uma nova proposta de tradição de pensamento, no qual ocorre a vitória da poesia sobre a filosofia, no qual a noção de verdade passa a ser revista. Segundo Rorty, não devemos pensar o mundo como possuidor de uma natureza que seja intrínseca, uma essência, algo que lhe seja subjacente, incluindo nisso o próprio ser humano. Para ele, a verdade não é algo que está aí para ser descoberto. Neste sentido, a Contingência, além de ser compreendida como constante movimento, também deve ser compreendida como incompletude. O mais interessante é que, para Rorty, isso ocorre porque não há nada para ser completado. Portanto, o máximo que podemos fazer é nos mantermos abertos para revisar e expandir nossa linguagem, redescobrindo nossa Contingência.

Palavras-Chave: Necessidade; Contingência; Richard Rorty; Verdade.

ABSTRACT: By analyzing the Contingency Rorty, explores and deepens a perception of man and the world that had already begun, according to Rorty, with thinkers such as Nietzsche, Heidegger and Derrida, by presenting a new proposal for a tradition of thought, which occurs the victory of poetry over philosophy, in which the notion of truth shall be reviewed. This goes against the notion of truth, like the idea of emancipation proposed by the Enlightenment. According to Rorty, we should not think the world as having an intrinsic nature that is, an essence, something that is behind him, including in it the human being. For him, truth is not something that is there to be discovered. In this sense, Contingency, and be understood as constant motion, should also be understood as incomplete. The most interesting is that, for Rorty, this is because there is nothing to be completed. Therefore, the most we can do is to stay open to review and expand our language, rediscovering our Contingency.

Keywords: Necessity; Contingency; Richard Rorty; Truth.

[1]Drº em Ciências Humanas – Universidade Federal do Maranhão – E-mail: wellington.amorim@gmail.com
[2]Especialista em Filosofia – Faculdade do Noroeste de Minas – E-mail: teus33@yahoo.com.br

Cadernos Zygmunt Bauman ISSN 2236-4099
v 1, n. 2 (2011)

Introdução

A verdade foi sempre uma busca da Filosofia. A pergunta sobre o que é a verdade teve diferentes respostas ao longo da Historia da Filosofia. De maneira geral, está presente em boa parte da tradição filosófica antiga, medieval e, mesmo, moderna. Contudo, quando nos deparamos com filósofos contemporâneos, percebemos que a argumentação, em favor da Contingência ganha força, e leva a repensar a noção de verdade. Neste artigo abordaremos a verdade numa nova perspectiva.

Para aprofundar tal questionamento, analisaremos, também, a verdade científica, como uma verdade provisória. Assim, analisaremos até que ponto poderíamos chegar com a noção de verdade. Por isso, analisaremos alguns conceitos de verdade e o fundamento da mesma sob a perspectiva de Rorty, que consiste em mostrar de que maneira a filosofia na modernidade foi, na sua grande parte, permeada por uma idéia de que a mente se caracteriza por espelhar a natureza. Isso levaria a possibilidade de conhecimento, da representação correta da realidade.

1. Em busca da verdade

Notório perceber que em nossa realidade atual existe uma relação com a nova natureza do trabalho, na qual a parte de transmissão de conhecimentos não para de crescer. Trabalhar equivale cada vez mais a aprender, transmitir saberes e produzir conhecimentos. E isso só pode ser feito numa perspectiva que não seja aristocrática, determinística.

É bom lembrar que a argumentação filósofo Sócrates. Ele, em seu método, não refutava por refutar, sua ironia tinha por finalidade purificar o pensamento de seus apegos mortais, da prisão do falso saber. A missão de Sócrates é promover no homem a investigação em torno do homem. E assim, pode-se ate arriscar a dizer que Sócrates não lecionava aos seus discípulos, mas, unia-os através da conversação, na discussão, abrindo caminhos, orientando-os para a verdade.

Para Sócrates o diálogo é a essência do pensamento, e para ele, o diálogo esta dentro do método socrático, no qual a ironia e a maiêutica fazem parte, como elementos necessários. Assim, com suas perguntas, Sócrates deixava embaraçado e perplexo todos aqueles que acreditavam terem segurança de suas respostas, e com isso levava seus

interlocutores a ver novos problemas, acima do que eles acreditavam a serem verdades dadas.

Através deste método, Sócrates buscava desfazer a máscara que os cidadãos de Atenas acreditavam possuir, velando a sua própria face. Por isso, ele atacava a vaidade, as opiniões enraizadas, levando a uma maior questão, mas, não necessariamente dava uma solução. Assim, aquele que era interrogado, era posto no caminho da solução, para que o mesmo a encontrasse. Tal solução era difícil, porque exigia muito tempo de conversação. A grande diferença entre os Sofistas e Sócrates é que este último acreditava poder chegar a verdade. Mas, será que a verdade existe? Analisemos sob o prisma da ciência.

1.1. Conceitos de verdade

Já que a ciência, apesar de não conseguir, procura encontrar a verdade, ou ainda, busca saber sobre como as coisas acontecem e como a natureza funciona, convém expor aqui alguns conceitos de verdade. Para tanto, estudaremos o que diz Freire-Maia. O autor descreve, em sua obra **"A ciência por dentro",** três conceitos de verdade. Suas descrições e problemas serão tratados, conforme Freire-Maia, para em seguida serem confrontadas com a perspectiva rortyana.

1.1.1. A verdade como coerência

Segundo este conceito, uma afirmação seria verdadeira somente quando tivesse coerência com o restante dos conhecimentos que possuímos. Os problemas deste conceito são: A) O conhecimento seria cumulativo, não podendo, assim, surgir nenhuma "novidade" que fosse contraditória ao que já se "sabe". Conhecimentos novos apenas poderiam ser somados aos antigos, jamais contradizê-los, pois abalariam a coerência do sistema de crenças; B) Coerência não garante verdade, pode haver coerência no erro. Um sistema de crenças baseado em pressupostos falsos pode não possuir qualquer contradição interna. Desta forma, ter-se-ia um sistema coerentemente falso.

1.2.1. A verdade como funcionalidade

Popper chama de visão instrumentalista quando baseia-se na realização do que diz um conceito quando posto em prática. Mas, também possui problemas: A) Exclui qualquer "verdade" que não possa ser posta em prática; B) Não busca realmente a verdade, mas somente uma coerência entre o que diz uma teoria e o que acontece quando esta é aplicada. Se a teoria serve para se fazer cálculos que estejam de acordo com nossas observações, ela é considerada verdadeira. Entretanto, uma teoria pode explicar bem um fenômeno sem que, de fato, esteja certa.

1.3.1. A verdade como correspondência

Nesta terceira visão, que, segundo Freire-Maia, é mais adequada à análise da ciência, o verdadeiro é somente o que corresponde com a realidade a que se refere. Há certas consequências em seguir esta linha de pensamento: A) Terá que se admitir que uma proposição verdadeira pode deixar de ser verdadeira, caso a realidade se altere; B) Terá que se admitir também a "tese dos dois mundos": um, o das proposições, outro, o dos fatos. As proposições tentam descrever os fatos, mas por mais que sejam aperfeiçoadas, nunca se tem a garantia de se ter conseguido a plena correspondência.

1.3.1.1. O que a ciência alcança?

Por mais que se procure a verdade, o máximo que se consegue por meio da ciência, segundo Popper, é chegar a teorias verossímeis, pois, a corroboração não pode dar a garantia da conformidade da teoria com os fatos de um modo universal. Os cientistas estão restritos à probabilidade quando tratam da verdade. Assim, o *impossível* é o que tem probabilidade de ocorrência igual a "zero", e *certo*, o que tem probabilidade igual a "um". Tudo o que a ciência é capaz de descobrir, portanto, oscila entre zero e um, está no campo da probabilidade.

2. Quando a teoria é verdadeira?

A resposta seria nunca. A questão será sempre a de que uma teoria nunca será verdadeira, mas quase verdade. Quando uma teoria se encontra em ampla e profunda corroboração ai pode-se dizer que tal teoria é "verdadeira". A teoria da conta de responder as apelações que os fatos lhe inferem, portanto, quando isso acontece, a teoria

é comprovada por meio dos fatos que estão em seu favor e por isso ela é uma teoria verdadeira. Fala-se que quando uma teoria possui sua corroboração por meio dos fatos, ela deixa de ser uma teoria e passa a ser tratada como sendo um fato.

Quando esta teoria é bem amparada, chega ao mais alto grau de corroboração, a teoria é verdadeira e deixa de ser vista como somente teoria, e passa a ser chamada de fato. Portanto, o que a teoria afirma passa a ser uma verdade. Ao longo dos tempos as teorias se transformam em fatos. Nas ciências é impossível uma certeza absoluta, a ciência como veremos nos apresenta indícios de probabilidade. Nossa certeza é a de que a ciência não possui a verdade no sentido absoluto da palavra. O que comprova essa afirmação é o próprio fato de que a ciência progride. Se em cada etapa a verdade fosse revelada como sendo absoluta não haveria o progresso dentro da ciência.

> Toda a historia da ciência aí está para comprovar que a razão humana procede por dialética de destruição ou de contradição: as teorias, aparentemente as mais estáveis, são atacadas, vulneradas e ultrapassadas por outras; estas, por sua vez, são logo controvertidas e minadas. E assim depois de cada uma dessas vitórias, a razão cientifica lança-se à frente, para novos mistérios (LALOUP, 1966. p. 216).

É, portanto, a teoria cientifica vista como não sendo uma verdade absoluta, mas como "quase verdade", pois, esta, é dada a mercê da corroboração ou falseamento dos fatos. Será verdadeira, e se tornará um fato que diz a verdade, se, e somente se, o que ela afirma é justificável e se apoia nos fatos que a circunda. A verdade científica decorre de uma atividade que é intelectual e que possui por orientadora a vontade de coerência. As teorias procuram as leis que estão nos fenômenos, e estas teorias são colocadas à prova por meio da experiência. A experiência é fator fundamental para se encontrar a verossimilhança da teoria, é a hora de buscar ou a corroboração, ou a falsidade da mesma. Em suma, em ciência não existe verdade absoluta, o que existe na ciência é a verossimilhança, como acentua Popper. Uma teoria é verdadeira até o momento em que da conta de responder aos fatos, ou melhor, até quando os fatos a comprovem.

2.1. O Conceito probabilístico de verdade

Segundo Bunnin, a ciência nunca pode chegar a uma verdade absoluta. Isto implica que a ciência tem apenas a probabilidade de chegar à verdade absoluta. Mas, como nós podemos ver, a ciência não tem como provar que tem a verdade absoluta por

que ela não consegue atingir a certeza. Para entendermos melhor este conceito de probabilidade podemos citar:

> A teoria da Probabilidade voltava-se para a discussão das proporções e relações Quantitativas envolvidas nos jogos de azar. Assim, o interesse era estabelecer a Leis probabilísticas envolvidas, por exemplo, na possibilidade de que, ao se Jogarem dois dados, obtivessem-se dois 6 ou de que se tirasse, de um baralho normal, um ás e um 2 de espadas, nesta sequência. Uma vez que se tratam aqui de conjuntos finitos de possibilidades, a estimativa de valores probabilísticos não é problemática. Assim, não se duvida que seja de 1/6 a probabilidade de que, ao se lançar um dado honesto, o resultado seja 6, por exemplo (...) No entanto, se o dado não for honesto, como se estimar a probabilidade de um determinado resultado? Em geral, por meio da frequência com que as diferentes possibilidades ocorrem após um certo número de lançamentos do dado. A frequência estatística observada em vários lançamentos do mesmo permitirá identificar a probabilidade de que o próximo lançamento resulte, por exemplo, em 6, corrigindo nossa estimativa inicial que supunha que o dado fosse honesto. (BUNNIN, 2002, p.24).

A ciência também passa por esta probabilidade para chegar à verdade absoluta, mas ela não chega por que esta probabilidade de a ciência chegar à verdade é uma em um milhão. Segundo o autor existem duas teorias da probabilidade: a primeira é a subjetiva e a outra e a objetiva. Para ele a probabilidade esta sempre em refutação, está em frequente bombardeio, não demorando para aparecer outra teoria que de conta em nos mostrar um conceito probabilístico de verdade.

2.2. Nevoeiro

Este é um relato das perplexidades encontradas no processo de identificação ou afirmação de uma verdade ou de um falseamento de certa teoria. “Vivemos imersos em um denso nevoeiro” (MAIA, 1990,p. 126), e neste estado que nos percebemos ofuscados. Parece que nada vemos, ou compreendemos com claridade as coisas como realmente são, e muito menos conseguimos discernir, com precisão, as relações que possa haver entre elas. O conhecimento vulgar não consegue penetrar o cerne dos menores mistérios que nos cercam e, muitas vezes, devido à própria ciência ter incorporado os seus conceitos de verdades, ultrapassaram o conceito de verdade que o senso comum parecia haver descoberto.

2.3. Aventura da procura

Segundo o filósofo Richard Rorty, a Contingência é uma característica definitiva da nossa realidade. Segundo ele, há um declínio das filosofias tradicionais e das religiões na tentativa de oferecer algum caminho seguro para tentar dizer a Verdade sobre a Realidade. Assim, o conceito de contingência em Richard Rorty propõe uma nova visão de como a filosofia pode buscar se relacionar com "as verdades sobre o mundo", de maneira a abandonar a discussão epistemológica tradicional acerca das condições de Verdade, ou de Certeza.

Rorty recorre à crença de que, nos últimos duzentos anos, a literatura teve mais poder para sensibilizar a humanidade diante de suas crises, mais força, do que pensamentos filosóficos "densos", relacionando-se também com o universo cultural, abrindo-se à discussão para a perspectiva da multiplicidade do universo e das relações. Assim, a busca tradicional pela Verdade, isto é, a verdade como sendo "a descoberta de como as coisas efetivamente são" é vista como um processo superado:

> Assim, a filosofia foi um progresso "transicional e de maturação cultural" porque serviu para aumentar a autoconfiança dos homens nos próprios poderes intelectuais. Contudo, ela deve ser abandonada porque a melhor esperança para a cultura liberal não vem da razão, mas, sim, da imaginação, o material com que a literatura é criada. (CARVALHO FILHO, 2009, p.2).

Considero esta pesquisa importante, porque busca explorar e aprofundar uma percepção de homem e de mundo que já havia começado, segundo Rorty, com pensadores como Nietzsche, Heidegger e Derrida, ao apresentar uma nova proposta de tradição de pensamento, no qual ocorre a vitória da poesia sobre a filosofia. Nessa nova tradição, fica ressaltada a idéia da redescrição como meio privilegiado do trabalho intelectual, bem como a crença de que apenas os seres humanos é que seriam responsáveis por si mesmos e pelos outros, sem o recurso a nada extra-humano.

Esta nova proposta também foi apresentada por Wittgeinstein, James e Dewey, buscando uma nova autoimagem do ser humano e de mundo. Essa capacidade de, em primeiro lugar, redescrever-se, passa pela capacidade de duvidar se si mesmo, de estar sempre fazendo e refazendo a si mesmo. Isso nos leva a pensar a proposta de Rorty como um *projeto*, pelo qual os vocabulários disponíveis são sempre passíveis de mudanças e adaptações. A metodologia central da presente proposta de pesquisa consistiria em percorrer os caminhos que levam às nuances e peculiaridades da formulação rortyana da contingência, tantos nos textos de Rorty e de seus principais

comentadores, como Alan Malachowsky, por exemplo, quanto em autores que o influenciaram, buscando analisar os principais argumentos que articulam o conceito, e tentando perceber que tipo de influência pode ter para o pensamento contemporâneo.

3. Uma verdade contingente

"O Método Cartesiano" tem como objetivo apresentar as características gerais para a aquisição de conhecimento com a segurança de não se incorrer em erro. Um projeto que fracassou, porque deixou de lado, um elemento importante, a Contingência. Ao analisarmos o conceito de Contingência de Richard Rorty, depararmos com a leitura recorrente que nos oferece a ideia de que "A verdade não pode ser dada." (RORTY, 2007, p. 28). A obra em que esta frase é escrita caminha para circunscrever a perspectiva de que o autor não busca uma verdade *já existente*, mas uma utopia que leve o ser humano a estar sempre se redescobrindo:

> Há cerca de duzentos anos, a idéia de que a verdade era produzida, e não descoberta, começou a tomar conta do imaginário europeu. A revolução francesa havia mostrado que todo vocabulário das relações sociais, assim, como todo o espectro das instituições sociais, podia ser substituído, quase que da noite para o dia. (RORTY, 2007, p. 25).

Para este pensador, "O mundo em si (...) não pode sê-lo." (RORTY, 2007, p. 28), pois para que o mundo seja, são necessárias atividades descritivas da humanidade. Pois, segundo Rorty, são as nossas diversas e múltiplas linguagens que dão sustentação ao mundo. Por isso ele quer chamar a atenção para a cultura literária que, por sua vez, tem condições de oferecer muitas alternativas que ampliem nosso "vocabulário final", e nossa visão de verdade. Contudo: com "cultura literária" não estamos falando apenas dos literatos no sentido tradicional: Hegel e Nietzsche. Nessa idéia, para Rorty, também cabem as perspectivas de oferta de múltiplos e diferentes vocabulários.

Rorty abandona a ideia de "natureza intrínseca", e isso implica necessariamente uma visão de mundo contingente, porque a própria linguagem é contingente, uma vez que ela somente produz descrições do mundo, mas nunca pode dizer como o mundo é. Isto, é claro, se deve ao fato de que *somente as frases é que podem ser verdadeiras (ou falsas), nunca o mundo.* Ora, isso tem um significado enorme para esta pesquisa. Na medida em que Rorty argumenta para abandonarmos a noção de verdade da tradição

filosófica. A verdade passa a ser vista não mais como uma "revelação" a ser "encontrada a qualquer preço". Verdade é apenas uma palavra-função da nossa linguagem, uma propriedade de entidades linguísticas.

A tese geral de Rorty é de que não devemos pensar o mundo como possuidor de uma natureza que seja intrínseca, uma essência, algo que lhe seja subjacente, incluindo nisso o próprio ser humano. E a verdade não é algo que está aí para ser descoberto. Com isso, fugimos da ideia de que o "mundo" ou o "eu" tenham uma natureza intrínseca e enfrentamos, a partir do "(...) reconhecimento da contingência da linguagem que usamos". (RORTY, 2007, p. 35).

Para Rorty, há um movimento que vai da religião para a filosofia, em seguida, da filosofia para a poesia. Na poesia, carregada de metáforas, há uma capacidade muito maior de transmitir algo que seja mais significante para o ser humano, e que nos leve à consciência de que somos todos contingentes. Toda essa discussão nos leva a perguntar, afinal: o que é a Contingência, segundo Rorty? Apresentar uma resposta pronta não parece ser o melhor caminho. Logo, construir um caminho para se chegar a uma melhor compreensão deste conceito é a proposta desta pesquisa.

Segundo Rorty, no final do século XVIII, a visão que se começou a ter era a de que qualquer coisa poderia ser compreendida como boa ou má, sendo útil ou não, desde que fosse redescrita. Ali se começou a compreender que as práticas linguísticas estavam sendo mudadas rapidamente, e que o vocabulário das relações sociais poderia ser alterado radicalmente quase que da noite para o dia. Para ele, os idealistas alemães, juntamente com revolucionários franceses e poetas românticos tiveram uma visão em comum, a de que não mais usavam a linguagem pra falar de si sob uma perspectiva metafísica, mas que podiam servir-se agora de uma linguagem que propiciava a eles sempre se transformarem, tornarem-se uma nova espécie de seres humanos. Assim, o ser humano pode ser redescrito porque é contingente. Nesta visão, ele não tem sua natureza determinada por potências não humanas, cada ser humano é capaz de inventar a si mesmo.

Quando ele apoia sua argumentação no pensador Davidson, ele deixa de lado a discussão sobre a linguagem ser um meio de representação ou de expressão, deixando de lado a questão sobre a "oposição entre o eu e a realidade". Com isso, ele busca transpor o questionamento meramente especulativo para uma posição *neopragmática*.

Nietzsche também havia sugerido que abandonássemos a idéia de conhecer a verdade, a verdade seria um "... exército móvel de metáforas." (*apud* RORTY, 2007, p. 63). Assim, sob a ótica de Rorty, Nietzsche esperava que chegássemos à consciência de que o mundo verdadeiro de Platão seria apenas uma mera fábula, não existindo um núcleo que nos unisse à realidade, que fosse um chão firme, algo que nos desse suporte último. Seguindo este pensamento, Rorty argumenta que criamos verdades ao construirmos linguagens.

Assim, todas as culturas, todos os pensadores estavam em busca, mais do que de qualquer outra coisa, de uma linguagem com eficiência, e não exatamente "necessária", a fim de melhor lidar com a realidade, que é o máximo que poderíamos fazer. Logo, para Rorty deveríamos convergir para teorias de passagem, que estariam num processo interminável de substituição de umas às outras, sempre em busca de outras linguagens, mais eficientes para as necessidades humanas de um determinado período, e, logo, seriam substituídas por outras mais eficientes ainda para o novo contexto. Assim, a melhor linguagem, seria a mais útil. Nisso percebemos a contingência, uma vez que não há um valor estático, uma ideia imutável. Para ele, isso só seria possível se fundamentássemos a discussão em algo supra-humano.

> Ver a história da linguagem – e, portanto, das artes, das ciências, e do senso moral – como história da metáfora é abandonar a imagem da mente humana ou das línguas humanas como coisas que se ajustam cada vez melhor aos propósitos para os quais Deus ou a natureza as destinaram. (RORTY, 2007, p. 45).

Para ingressar na cultura literária, seria necessário ter acesso à maior diversidade possível de textos diferentes, acesso a diversas literaturas, de tal modo que isto seria capaz de promover uma redenção – entendida como autocriação pessoal – por meio do contato com a maior variedade possível de seres humanos, sob o argumento de que a idéia de "crença verdadeira" já não tem muita importância. Uma vez que não há essência na linguagem, mas, apenas utilidade e adequação, vemos aqui, de viés, uma nuance do pensamento do mobilismo de Heráclito, pois a linguagem, na argumentação de Rorty, está num contínuo movimento.

Aqui também aparece forte o pensamento de Nietzsche, porque por essa linha de raciocínio deveríamos reconhecer nossa contingência de tal maneira que não podemos ver a história da Humanidade como um todo, como sendo possuidora de uma linha

preexistente que diga como as coisas têm que ser. O convite nietzschiano é para que possamos ver a vida como um processo de autossuperação. Assim, o que ocorre na vida, bem ou mal, não se deve a uma intervenção divina, mas como consequência das contingentes escolhas humanas. Isso nos levaria à idéia de que estaríamos num mundo criado e não herdado. Aqui vale a expressão "... eu quis assim." (RORTY, 2007, p. 66).

Rorty faz leituras sobre autores contemporâneos, mostrando como eles colaboraram para a idéia de contingência. Autores como Freud e Bloom colocam nossos pés no chão, nos mostram que somos nós que criamos as coisas existentes. Seremos auxiliados em nossa leitura de Rorty se retomarmos a crítica que Nietzsche fez à metafísica e de certa forma ao cristianismo. Para este pensador, o cristianismo concebe este mundo como uma espécie de vale de lágrimas. Portando, a felicidade somente poderia estar fora do alcance deste mundo, numa realidade eterna. Seguindo esta perspectiva, tudo aquilo que é terrestre recebe a marca de aparente e provisório. Segundo Nietzsche, no cristianismo há um ódio a tudo o que é humano, a tudo o que é matéria. Assim, entendemos na sua linguagem, quando ele fala da vontade de poder, que ela nada mais seria do que reivindicar tudo aquilo que é humano. Da mesma maneira conseguimos compreender a posição nietzschiana sobre o além do homem e a vontade de poder, como o desejo de dominar, independente de valores estabelecidos.

Por isso, a importância da redescrição é a de que com ela podemos alcançar o máximo que podemos chegar sobre o eu e a realidade, a verdade, devido à sua contingência. Somos contingentes, um projeto humano finito e contingente, ou seja, sempre disposto a mudar, a se adaptar. Nossa linguagem, nossa identidade, nossa comunidade, tudo é contingente para Rorty, uma vez que o máximo que podemos oferecer é uma redescrição melhorada das coisas, sempre pronta a ser superada. Para Rorty, Freud nos mostrou que qualquer constelação de inúmeras variáveis pode ter dado início ao que somos:

> Qualquer coisa pode simbolizar a marca cega impressa em todas as nossas condutas. Qualquer constelação aparentemente aleatória dessas coisas pode dar o tom de uma vida. Qualquer dessas constelações pode instaurar uma ordem incondicional a cujo serviço uma vida pode ser dedicada. (RORTY, 2007, p. 79).

Neste sentido, a Contingência, além de ser compreendida como constante movimento, também deve ser compreendida como incompletude. O mais interessante é que, para Rorty, aderindo ao pensamento de Freud, isso ocorre porque não há nada para

ser completado. Nossa vida contingente sempre será incompleta, porque somente existe uma rede de relações que pode sempre ser tecida: **"**É igualmente difícil imaginar uma vida humana que se sinta completa, um ser humano que morra feliz por haver alcançado tudo o que sempre quis." (RORTY, 2007, p. 85). Portanto, o máximo que podemos fazer é nos mantermos abertos para revisar e expandir nossa linguagem, redescobrindo nossa Contingência.

3.1. A literatura: Em busca da Verdade

Através da literatura, busca-se um caminho no qual, volta-se o olhar para as capacidades humanas como sendo humanas, e quando ele fala da vontade de poder, percebe-se a necessidade de autocriação que é própria de cada ser humano, na busca de recusar a influência de um Deus supramundano. Sob esta perspectiva, Rorty diz que deveríamos nos curar da metafísica: "(...) tal sociedade (literária) deve almejar curar-nos de nossa "necessidade de metafísica profunda". (RORTY, 2007, p. 92). Isso seria uma sociedade onde já não existisse qualquer vestígio de divindade, seja de mundo divinizado ou sob a imagem de um eu divinizado.

Acredito que, mais uma vez, Rorty, pode nos ajudar a pensar de uma forma não hegemônica do conhecimento a ser transmitido. Interessante percebemos uma frase de Monteiro Lobato, no qual, diz que "Um país se constrói com homens e livros". Isso não garante que todos os literatos irão mudar necessariamente a realidade, mas, gera uma maior possibilidade de conhecer o mundo que esta ao nosso redor. Assim, "A palavra "literatura" abarca hoje praticamente qualquer tipo de livro que se possa imaginar que tenha relevância moral – que se possa imaginar que altere o sentido do que é possível e importante." (RORTY, 2007, p. 147). E isso ocorre, porque para Rorty isso levaria a possibilidade de ao entrar em contato com a literatura, podemos exercitar a arte da ironia, adquirindo uma gama maior de possibilidades:

> Definirei o "ironista" como alguém satisfaz três condições: (1) tem duvidas radicais e continuas sobre o vocabulário final que usa atualmente por ter sido marcado por outros vocabulários, vocabulários tomados como finais por pessoas ou livros que ele deparou; (2) percebe que a argumentação enunciada em seu vocabulário atual não consegue corroborar nem desfazer estas dúvidas; (3) na medida que filosofa sua situação, essa pessoa não acha que seu vocabulário esteja mais próximo da realidade do que outros, que esteja em contato com uma força que não seja ele mesmo. Os ironistas que se inclinam a filosofar vêem a escola entre os vocabulários como uma escolha

> que não é feita dentro de um meta vocabulário neutro e universal, nem tampouco por uma tentativa de lutar para superar as aparências e chegar ao real, mas simplesmente como jogar o novo contra o velho. (2007,p. 134).

Para este pensador, o ironista é aquele que percebe "... que qualquer coisa boa ou má pode ser levada a parecer boa ou má, ao ser redescrita (...) (RORTY, 2007, p. 134). Conclui-se que eles estão sempre conscientes de que ao redescrever sua realidade, tem a consciência da Contingência e fragilidade dos vocabulários finais, e consequentemente, uma noção contingente do seu eu.

Conclusão

No pensamento contemporâneo parece existir certa crise sobre o que é a verdade, segundo Rorty, uma vez que o filósofo não pode mais pretender saber algo sobre o conhecimento que ninguém mais sabe. Segundo este pensador, tal crise seria advinda do problema dualismo corpo-mente, mundo externo e mundo interior, e na noção tradicional de verdade. Para este pensador, os grandes sistemas filosóficos e o caráter fundacional da filosofia em relação a outros saberes, acabaram sendo superados. No livro de Richard Rorty, "A Filosofia e o Espelho da Natureza", encontra-se o pensamento de que Wittgestein, Heidegger e Dewey teriam subvertido a idéia tradicional de filosofia, no qual havia uma centralidade da epistemologia, passando a refletir sobre as grandes mudanças na sociedade, da ciência e na cultura. Assim, a linguagem passa a ser vista como "... uma imagem de mundo – um conjunto de representações que a filosofia necessita para exibir, como colocadas em algum tipo de relação não intencional ao que representam - não é útil para explicar como a linguagem é apreendida ou compreendida" (PUTNAM apud RORTY, 1988, p. 293). Desta maneira a linguagem é simplesmente vista como algo "... útil para explicar o sucesso da inquirição, exatamente como "um mapa tem sucesso se corresponde de um modo apropriado a uma porção particular da terra". (PUTNAM apud RORTY, 1988, p. 293).

Referências

BUNNIN, N. **Compêndio de filosofia.** São Paulo: Loyola, 2002.

CARVALHO FILHO, A. **Sensibilidade, solidariedade, autocriação privada. Rorty e a literatura.** In: Redescrições. Ano I, Número Especial: Memória do I Colóquio Internacional Richard Rorty, 2009. p. 2. Disponível em: http://www.gtpragmatismo.com.br/redescricoes/redescricoes/memoria/aldir.pdf . Acesso em: 02 dez 2010.

CARVALHO FILHO, A. I**NDIVIDUALISMO SOLIDÁRIO: uma redescrição da filosofia política de Richard Rorty Dissertação (Doutorado em Filosofia).** Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). 2006.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização.** In: Obras Psicanalíticas. São Paulo: Abril Cultural. p. 131-194. (Coleção Os Pensadores). (1978)

FREIRE-MAIA, N. **A ciência por dentro**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1990. 262 p.
RORTY, R. Filosofia, Espelho da Natureza. 1ª edição, Dom Quixote, Lisboa, 1988.

_____. **O Declínio da Verdade Redentora e a Ascensão da Cultura Literária.** In: RORTY, R.; GHIRALDELLI JR., P. Ensaios pragmatistas sobre subjetividade e verdade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Contingência, Ironia e Solidariedade.** Martins Fontes, São Paulo, 2007.

_____. **Objectivity, Relativism, and Truth.** Philosophical Papers, Volume 1. Cambridge: Cambridge University Press.1991

_____. **The Linguistic Turn (Ed).** Chicago: The University of Chicago Press. Introdução do Editor. 1967

SARTRE, J-P. 1987. **O Existencialismo é um Humanismo.** 3ª ed., São Paulo, Nova Cultural. (Coleção Os Pensadores).

MAGEE, B. **As Idéias de Popper**. São Paulo: Editora Cultrix, 1973. 109 p.

ZILLES, Urbano. **Filosofia da Religião**. São Paulo: Paulinas, 1991. 195 p.

ROBINET, J. F. **O Tempo do Pensamento.** 1. ed. São Paulo: Paulus, 2004. 300 p.

LALOUP. J. **A Ciência e o Homem.** 2. ed. São Paulo: Editora Herder, 1966.